



UM ESTUDO DA RELAÇÃO ISLÃ-TERRORISMO PELA ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Djiby Mane (Universidade de Brasília)

O homem forte não é aquele que derruba seu adversário. O homem forte é aquele que se controla quando a raiva tenta dominá-lo (Hadith¹ de Bukhari).

Resumo: Depois dos atentados aos três prédios do complexo do World Trade Center, em New York, Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, notou-se alguma intensificação de atos terroristas atribuídos e/ou reivindicados por grupos muçulmanos autodenominados jihadistas. Nesse sentido, além de averiguar a relação Islamismo-terrorismo, o presente estudo analisou as consequências de atos terroristas nas vítimas. Para tanto, o *Alcorão* – livro sagrado do Islã – foi de fundamental importância por constituir a principal fonte de informação religiosa, além das informações sobre os recentes atos terroristas cometidos na África e Europa. Como fundamentação teórica valeu-se das ideias de Haugen (1972), Couto (2007, 2015 e 2020) e Couto e Couto (2015). Por meio da análise de alguns casos de atos terroristas, foi possível perceber que as vítimas estão sujeitas aos sofrimentos físico, mental e social apontados pela Análise do Discurso Ecolinguístico. Com base na análise da palavra “*jihad*”, nos vieses pacífico (luta no caminho de Deus para fazer o bem) e bélico (luta armada como autodefesa), as violências perpetradas pelos grupos jihadistas não passam de má interpretação ou interpretação para fins próprios (políticos e econômicos). Como religião de paz, o Islamismo proíbe qualquer tipo de sofrimento à alma criada por Allah. Logo, diante de situações de terror causadas por supostos jihadistas que se dizem lutar em prol do Islã, não somente é necessário esclarecer alguns pontos para dissipar as dúvidas e calúnias que se espalham sobre aquela religião, mas também é dever dos muçulmanos se unirem em torno da verdade para defendê-la dos mais diversos tipos de acusações e lutar contra as injustiças por meio do poder da linguagem, sem qualquer tipo de violência.

Palavras-chave: Islã; Terrorismo; Sofrimento; ADE.

¹ É a palavra do Profeta Mohamed. Ele inclui “Sunna” e é mais amplo para incluir todas as palavras, ações e crenças do Profeta e qualquer ação a que ele tenha dado a sua aprovação explícita ou tácita ou desaprovação. É a fonte secundária do islã, já que o utiliza o Profeta Muhammad como um exemplo de como viver de acordo com as regras estabelecidas no alcorão.

Abstract: After the attacks on the three buildings of the World Trade Center complex in New York, United States of America on September 11, 2001, there was some intensification of terrorist acts attributed and / or claimed by Muslim groups called themselves jihadists. In this sense, in addition to investigating the relationship between Islam and terrorism, the present study analyzes the consequences of terrorist acts on victims. To this end, the Koran – the holy book of Islam – was of fundamental importance as it constituted the main source of religious information, in addition to information about the recent terrorist acts committed in Africa and Europe. As a theoretical foundation, it uses the ideas of Haugen (1972), Couto (2007, 2015 & 2020) and Couto & Couto (2015). Through the analysis of some cases of terrorist acts, it was possible to realize that the victims are subject to the physical, mental and social suffering pointed out by Ecosystemic Discourse Analysis. The word “*jihad*” indicates something peaceful (struggle in the way of God to do good) and war (armed struggle as self-defense). Therefore, the violence perpetrated by jihadist groups is nothing more than misinterpretation or interpretation of Islam’s principles for their own purposes (political and economic). As a religion of peace, Islam forbids any kind of suffering in the soul created by Allah. Therefore, faced with situations of terror caused by supposed jihadists who claim to fight for Islam, not only is it necessary to clarify some points to dispel doubts and slanders that spread about that religion, but it is also the duty of Muslims to unite around the truth to defend it from the most diverse types of accusations and fight injustices through the power of language, without any kind of violence.

Keywords: Islam; Terrorism; Suffering; EDA.

1.Considerações iniciais

Depois dos atentados aos três prédios do complexo do World Trade Center, em New York, Estados Unidos da América, em 11 de setembro de 2001, sem contar o conflito que opõe Israel e Palestina, os muçulmanos têm sido erroneamente associados ao terrorismo e à violência em geral. Tal associação se intensificou com a formação de grupos terroristas que se denominam “jihadistas”, cujo objetivo é defender a religião muçulmana e os países muçulmanos – Iraque, Líbia e Síria – por exemplo, invadidos pelo ocidente.

“Jihad”, “atos suicidas” ou “imposição da religião pela força” são exemplos de termos ou expressões clichês sobre o Islamismo, cuja relevância não é realmente questionada. Um amálgama os cristaliza, isto é, a relação Islã-terrorismo. E os eventos os reforçam, ou seja, os atos violentos cometidos por extremistas islâmicos.

De fato, a questão da possível ligação entre o Islamismo, os muçulmanos e a violência não deve ser entendida como “o Islã é violento?” Ou “os muçulmanos são violentos?” O terrorismo cometido por muçulmanos não está necessariamente ligado à sua identidade religiosa, pois existem outros fatores que estão à sombra e que fazem com que a luz seja simplesmente lançada sobre a identidade religiosa dos atores terroristas. Como esse terrorismo muçulmano de raízes socioeconômicas é legitimado pelos atores com base em referências religiosas (*Alcorão* e *Sunna*),

a culpa acaba apontada para o Islamismo. No entanto, olvida-se que tais referências religiosas são utilizadas subjetivamente. Por exemplo, ao fazer uso do *Alcorão* para justificar suas ações violentas, os terroristas fazem do Islã uma religião de guerra, isto é, violenta.

Diante do exposto, o presente estudo analisou a relação entre o Islamismo e o terrorismo, no intuito de verificar se os argumentos de que a religião muçulmana é uma religião violenta ou pelo menos que ela fornece justificativa para as ações terroristas cometidas por alguns de seus supostos seguidores são fundados ou tendenciosos. Em outras palavras, desejou-se verificar se a relação entre o Islã e o terrorismo é bem sustentada ou se é de uma falsa correlação causada pela abundância de atos terroristas cometidos por muçulmanos ou por outros fatores socioculturais.

Assim, o objetivo das linhas que se seguem foi averiguar a existência de uma causalidade entre terrorismo e Islamismo, no intuito de entender a relação entre aquela religião e o terrorismo, além de verificar se a religião muçulmana é realmente uma religião violenta.

Fundamentado em *Alcorão*, Haugen (1872), Couto (2007, 2015 e 2020) e Couto e Couto (2015), a presente pesquisa se deu em três partes, além das considerações iniciais e finais. A primeira parte evidencia algumas considerações sobre a Análise do Discurso Ecolinguística – ADE como uma área da Ecolinguística. Quanto à segunda parte, ela define o termo “*jihad*” e apresenta os seus princípios de paz e guerra, com base em algumas *suras*² retiradas do *Alcorão* sagrado. Por fim, a terceira parte analisa alguns dados de atos terroristas para entender o sofrimento dos sujeitos vitimados.

2. Ecolinguística e Análise do Discurso Ecolinguística

A Ecolinguística surgiu como um novo paradigma para a pesquisa linguística, expandindo a Sociolinguística para levar em conta não apenas o contexto social onde a língua está enraizada, mas também o contexto ecológico.

De cunho interacional e integradora, a Ecolinguística desenvolve um modelo de complexidade para dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e seu ambiente (COUTO, 2007). Em outras palavras, ela considera a língua do ponto de vista da interação; ou seja, do mesmo modo que a Ecologia, onde se examina a interação entre os

² ‘S’ de ‘*sura*’ ou ‘*surata*’: Significa literalmente aquilo que está arrumado. Corresponde aos capítulos do Alcorão.

ECO-REBEL

organismos e entre os organismos e o meio ambiente, a Ecolinguística explora a interação entre as línguas e entre as línguas e seu meio ambiente e a sociedade em que são utilizadas.

A Ecologia – base da Ecologia da Linguagem – tem sido definida como o estudo das interações entre os seres vivos e seu meio ambiente. Etimologicamente, o termo “ecologia” vem do grego antigo *oikos* (casa, *habitat*) e *logos* (ciência, conhecimento). Criada em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel, a Ecologia é a ciência do *habitat*.

Uma definição geral admitida e particularmente utilizada em Ecologia Humana consiste em definir a ciência ecológica como a relação triangular entre os indivíduos de uma espécie, a atividade organizada desta espécie e o meio ambiente desta espécie (COUTO, 2007). Nesse ínterim, o meio ambiente é o produto e a condição desta atividade e, portanto, da sobrevivência da espécie, enquanto a atividade pode ser o próprio ato de comunicação, que somente será possível através da linguagem.

Sobre a questão, Haugen (1972, p. 325)³ assevera que:

O verdadeiro meio ambiente de uma língua é a sociedade que a utiliza como um de seus códigos. A linguagem existe apenas na mente de seus usuários e só funciona para relacionar esses usuários uns aos outros e à natureza, ou seja, seu ambiente social e natural. Parte de sua ecologia é, portanto, psicológica: sua interação com outras línguas nas mentes de falantes bilíngues e multilíngues. Outra parte de sua ecologia é sociológica: sua interação com a sociedade na qual funciona como meio de comunicação.

Em Ecologia, o meio ambiente – conhecido como ecossistema – designa o conjunto formado por uma associação ou comunidade de seres (ou biocenose) e seu meio ambiente geológico e atmosférico (ou biótopo), ao passo que os elementos que constituem um ecossistema desenvolvem uma rede de interdependências que permitem manter o desenvolvimento da vida.

Nesse ecossistema se dão as inter-relações ou interações conhecidas como Ecossistema Fundamental da Língua ou Ecologia Fundamental da Língua – EFL (COUTO, 2007). Para Couto

³ Do original: “*The true environment of a language is the society that uses it as one of its codes. Language exists only in the minds of its users, and it only functions in relating these users to one another and to nature, i.e. their social and natural environment. Part of its ecology is therefore psychological: its interaction with other languages in the minds of bi- and multilingual speakers. Another part of its ecology is sociological: its interaction with the society in which it functions as a medium of communication*” (HAUGEN, 1972, p. 325).

ECO-REBEL

(2007), a comunidade é um ecossistema entendido como um agrupamento de pessoas, população ou povo (P), que tem um meio de comunicação em comum – a linguagem (L) – e que convive em um determinado espaço ou território (T).

Na EFL, a sociedade, entendida como população, povo ou grupo de pessoas (P) é o elemento dinâmico da comunidade. No caso em tela, ela é constituída por todos os muçulmanos do mundo, incluindo árabes e não árabes. Vale destacar que os árabes constituem um povo ou uma etnia cujo critério distintivo é o uso da língua árabe, sendo os não árabes aqueles que em todo mundo adotaram a religião muçulmana.

Em relação ao território (T), ele é entendido como um espaço delimitado, apropriado por um indivíduo, uma comunidade, um grupo social, para garantir sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais. É uma entidade espacial, o local de vida do grupo. No caso em tela, ele se caracteriza pelo aspecto geográfico de todos os países árabes e comunidades muçulmanas.

A linguagem (L), por sua vez, não é um fenômeno isolado, mas faz parte de qualquer ser humano e, conseqüentemente, da sociedade. Ela é o requisito indispensável para o desenvolvimento da pessoa e do grupo social a que pertence; é entendida como um meio de comunicação que permite aos seres humanos expressarem seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções, isto é, um meio de interação.

A EFL insere-se com a Linguística Ecológica que, segundo Couto e Couto (2015, p. 91), “[...] é uma variante da ecolinguística que, como o próprio nome já sugere, tem no ecossistema seu ponto de partida”.

Sobre ecossistema linguístico, Couto (2015, p. 56) afirma que existem três, quais sejam:

1) ecossistema natural da língua, 2) ecossistema mental da língua e 3) ecossistema social da língua. Os três convergem ou se fundem no 4) ecossistema integral da língua. Em cada um deles a língua deve ser relacionada ao respectivo meio ambiente, no caso, o 1) meio ambiente natural, 2) mental e 3) social da língua.

O Ecossistema Natural da Língua é composto por um povo (P), morando em um espaço geográfico ou território (T) e compartilhando uma mesma língua como meio de comunicação (COUTO, 2015). Por exemplo, em Casamança, região sul do Senegal, tem-se o povo balanta (P₁), que interage por meio da língua balanta (L₁) e convive em um território (T₁), mais conhecido pelo nome de ‘balantacunda’, que significa na língua mandinga “o território dos balantas”.

ECO-REBEL

Quanto ao Ecossistema Mental da Língua, Couto (2015, p. 58-59) afirma: “O meio ambiente mental da língua é constituído de P₂ mais T₂, pois é aí que se dão as interações mentais da aquisição, do armazenamento e do processamento da língua”. No caso do exemplo do balantacunda (T₂), P₂, que envolve balantas, em sua maioria, mandingas, manjacas e mancanhas, as crianças adquirem o balanta (L₂) no convívio com seus coleguinhas, enquanto em suas casas adquiriram e falam com seus pais na língua materna. Assim, em T₂, P₂ são geralmente bilíngues, claro, além do francês – língua oficial do país, que eles aprendem na escola.

Já o Ecossistema Social da Língua se refere ao meio ambiente social da língua e é o conjunto formado por T₃ mais P₃ – membros de uma população organizados socialmente (COUTO, 2015). Considerando o mesmo exemplo, como o nome indica, o balantacunda é formado principalmente pelo povo balanta, mas convive com mandingas, manjacos e mancanhas. Nesse ínterim, a interação de P₃ se dá em T₃ por meio do balanta L₃ em grande parte dos casos de interações comunicativas. Mas devido ao importante papel do mandinga na islamização de balantas e manjacos, a interação também se dá pelo mandinga.

Tais ecossistemas da língua (natural, mental e social) evidenciam uma interdependência entre povo (P), território (T) e linguagem (L). A própria EFL já ensina que sem as bases físicas do território (T), não há povo (P) e, sem os membros do povo (P) convivendo, não há língua (L). Em outras palavras, para que haja língua (L), é necessário que exista um povo (P), cujos membros vivam e convivam em determinado território (T). Assim, o desaparecimento do território (T) implica o desaparecimento do povo (P) e o desaparecimento do povo (P) implica o desaparecimento da língua (L).

A Ecolinguística procura dar conta em todos os níveis das inter-relações entre as línguas, as pessoas e seu ambiente. E entre suas vertentes, uma consiste em analisar o papel do discurso no campo da Ecologia, isto é, a influência da linguagem na natureza e nos ecossistemas, que são fonte de todas as formas de vida: a Análise do Discurso Ecossistêmica – ADE.

Tradicionalmente, a análise do discurso é uma técnica de pesquisa em ciências sociais que permite questionar o que se faz enquanto fala, além do que se diz. Em outras palavras, é uma análise da articulação do texto e do lugar social em que é produzido (ORLANDI, 2007). É uma abordagem multidisciplinar que toma emprestados muitos conceitos das áreas de Sociologia, Filosofia e Psicologia, Ciência da Computação, Ciências da Comunicação, Linguística e Estatística Textual ou História. Aplica-se a objetos tão variados como, por exemplo, discurso político,

ECO-REBEL

religioso, científico, artístico etc., além de se preocupar com os conceitos, a linguística e a organização narrativa dos discursos orais e escritos analisados.

Aplicada à Ecolinguística, a análise do discurso, sob o viés da ADE, é, segundo Couto (2020, p. 1), “uma área da Linguística Ecolinguística (LE), dedicada especificamente à análise, interpretação, comentário e crítica de textos-discursos”.

Com a abordagem da ADE, a Ecolinguística está preocupada com a forma como a linguagem está envolvida na formação, manutenção, preservação, influência ou destruição das relações entre os humanos, outras formas de vida e o meio ambiente.

Por ser em favor da vida, a ADE luta contra qualquer tipo de sofrimento que, segundo Couto e Couto (2015, p. 76), se dá em três, a saber: 1) Físico (natural); 2) Mental; ou, 3) Social. O sofrimento físico se refere a uma lesão, à mutilação de um órgão (a prática de excisão na África, que consiste em cortar parte do clitóris, por exemplo), à tortura física ou a qualquer tipo de ferimento aos seres vivos, sendo a morte o sofrimento físico máximo. Como exemplo, tem-se a COVID-19 – *Corona Virus Disease 19*, que se revelou violenta entre os casais, com os casos de brigas entre casais, além das mulheres estarem expostas a relações sexuais forçadas.

A título de ilustração, a seguir, tem-se o depoimento de uma mulher de Camarões na ocasião de uma pesquisa realizada por Laouan (2020, p. 3):

Sou vítima de vários atos de violência por parte do meu marido. Antes, ele não fazia nada para contribuir. Eu estava lutando para alimentar as crianças. Agora está difícil. Peço dinheiro a ele para alimentar a família e é o tempo todo brigas e discussões. Ele também me estupra – ele quer insistir. As crianças também brigam o tempo todo em casa.

O relato apresentado, ao apontar o sofrimento físico ao qual estão sujeitas as mulheres na pandemia em curso, evidencia que a violência de gênero se deve ao estresse social geral, combinado com as crescentes tensões em torno da família constantemente confinada em casa. Com o isolamento devido à COVID-19, em todo o mundo se deu algum aumento no número de casos de violência doméstica, uma vez que as mulheres em risco deste modal de violência estão confinadas em casa com seus agressores, não sendo possível sair para denunciá-los. Além disso, as mulheres estão mais expostas a abuso e exploração sexual devido ao isolamento e à promiscuidade.

ECO-REBEL

Quanto ao sofrimento mental, ele pode ser causado via tortura verbal. E ainda, as medidas de isolamento da pandemia em curso levaram as pessoas a mudarem seus hábitos. Assim, o mais cruel é não poder beijar, abraçar, despedir-se de um ente querido, conforme o relato de uma ganesa na pesquisa realizada por Laouan (2020, p. 3): “O medo está em toda parte. As pessoas têm medo, até as crianças. Meus filhos não me abraçam mais porque têm medo de pegar o vírus”.

De fato, a pandemia da COVID-19 deixou as pessoas com medo: de contaminação; no sentido claustrofóbico, por ficar entre as quatro paredes 24 horas por dia, preocupadas e incomodadas com a paralização das atividades socioeconômicas etc., acarretando níveis elevados de *stress* e ansiedade provocados pelo volume massivo de notícias veiculadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs.

Já o sofrimento social pode ser provocado, por exemplo, quando alguém difama, cria intrigas e/ou desmoraliza outrem no contexto da comunidade a que pertence. Por exemplo, a confusão que se dá com a associação do Islamismo com o terrorismo cria uma marginalização dos muçulmanos, levando a uma islamofobia. Assim, para alguns, alguém que se diz muçulmano é passível de desconfiança, sendo sinônimo de terrorista pronto para agir a qualquer momento.

Diante do exposto, os tipos de sofrimentos supramencionados serão ilustrados no item 4 a seguir, tomando como exemplo as vítimas do jihadismo.

3. De *jihad* ao jihadismo

Faz-se importante entender as diferentes acepções da palavra “*jihad*”, cujo significado tem evoluído bastante, podendo ser sinônimo de paz e guerra santa. Nesse sentido, vale questionar: o Islamismo é mesmo uma religião violenta?

A palavra “Islã” é um substantivo verbal derivado do verbo *aslama*, que significa “se resignar, se submeter”. Em relação a Deus, significa: “Ele se tornou submisso a Deus”. Assim, aquela religião consiste em reconhecer quem é seu Senhor e reconhecer que sua atitude para com seu Senhor e Criador é de submissão e adoração, como ressalta o *Alcorão* (S. 2, V. 131): “Quando seu Senhor lhe disse: “Islamiza-te”⁴. Disse: “Islamizo-me, para O Senhor dos mundos”.

⁴ Islamiza-te: tradução de *Aslim*, forma imperativa, derivada de *Aslama*, pretérito, do infinito *Islām*. O termo “*moslim*” corresponde, em árabe, ao particípio presente do verbo *aslama*, que, originalmente, significa entregar-se voluntariamente à obediência; e, restritamente, entregar-se ao Islão: a religião

ECO-REBEL

Tal religião foi chamada de Islã pela simples razão de que nela o escravo (muçulmano) se submete completamente ao poder e controle do Senhor (Deus) e pratica sinceramente o ato de obediência a Ele – princípio fundamental de sua vida.

Do árabe “*gihad*” (esforço), o termo “*jihad*” significa “esforçar-se”, “tentar”, “lutar” ou “combater”. É um combate pessoal realizado contra si mesmo, ou seja, contra os desejos e as ambições egoístas de cada um.

No *Alcorão*, a palavra “*jihad*” prescreve para os seres humanos lutar e fazer esforços contínuos para alcançar e permanecer no caminho certo, como, por exemplo, lutar contra qualquer tipo de mal na sociedade, trabalhar para melhorar sua vida, a de seus filhos e a da sociedade, além de ajudar os mais necessitados. Assim, diz Allah no *Alcorão*: “E lutai por Allah, como se deve lutar por Ele” (S. 22, V. 78).

Ainda sobre a *jihad*, segundo Houaiss (2009, n. p.) é:

1. guerra santa muçulmana; luta armada contra os infiéis e inimigos do Islã. 2. dever religioso dos muçulmanos de defender o Islã através de luta [Pode ser cumprido, doutrinariamente falando, de quatro formas: pelo coração, purificando-se espiritualmente na luta contra o diabo; pela língua e pelas mãos, difundindo palavras e comportamentos que defendam o que é bom e corrijam o errado; ou pela espada, praticando a guerra física.

Assim, *jihad* é um esforço em si mesmo para alcançar o desenvolvimento moral e religioso. É também um conjunto de deveres religiosos de muçulmanos, que têm como objetivo melhorar, a título pessoal, a comunidade islâmica. Como combate de inspiração religiosa, ele pode assumir quatro formas, quais sejam: 1) Coração; 2) Língua; 3) Mão; e, 4) Espada, que podem ser agrupadas em duas, ou seja, as três primeiras constituindo o *jihad* como princípios de paz e, a quarta, constituindo o *jihad* da espada como princípio de guerra.

pregada por todos os profetas monoteístas. Tais termos derivam da raiz árabe *salam*, ou seja, paz. Daí, Islão: a Religião da Paz, e, *moslim*: aquele que se entrega inteiramente a esta religião de Deus. No Alcorão, o termo “*moslim*” qualifica todos os profetas e todo bom crente. Note-se que islamizar-se é neologismo calcado no verbo árabe, criado em função da necessidade de evitar ocorrência de perífrases, constantes, como, por exemplo, “entrego-me, submisso, a Deus”.

3.1. Princípios de paz de *jihad*

O *jihad* pelo coração é a luta do indivíduo contra seus desejos, suas paixões, seus equívocos e suas interpretações errôneas. Isso inclui a luta para purificar o coração, corrigir suas próprias ações e concretizar os direitos e as responsabilidades de todos.

Em outras palavras, é o *jihad* contra o ego e consiste em: 1) Lutar contra o seu ego através do estudo pelo caminho da felicidade e da religião; 2) Ensinar a religião para as pessoas que não a conhecem; 3) Ter paciência contra as provas da vida terrena; 4) Lutar contra as dúvidas inspiradas por Satanás; e, 5) Lutar contra o desejo ilícito e as tentações proibidas (*ALCORÃO*).

No que diz respeito ao *jihad* pela língua, refere-se ao poder da língua para incitar os muçulmanos a praticar a religião. Sobre a questão, Gnerre (1985, p. 03) assim ressalta o poder da linguagem:

O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico. Os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os mais extremos: discurso político, sermão na igreja, aula etc.

O *jihad* pela língua está assim descrito no *Alcorão* (S. 9, V. 73): “Ó Profeta! Lute contra os descrentes e os hipócritas”. Tal luta significa o empenho do Profeta para ensinar seu povo sobre o Islamismo. Assim, o *jihad* pela língua é a prática da leitura, recorrendo sempre à língua árabe – língua do *Alcorão* – para os ensinamentos.

Já o *jihad* pela mão se assemelha com o *jihad* pela língua, uma vez que aquela se refere ao uso da escrita, como consta no *Alcorão* (S. 96, V. 4-5): “Quem ensinou a escrever com cálam, / ensinou ao ser humano o que ele não sabia”.

O termo em questão busca definir um esforço para a pregação e persuasão, a fim de que o Islã se espalhe por todo o mundo. Esse *jihad*, no sentido de “esforço”, é considerado “*jihad* maior”, sendo um dever que consiste em exortar a todos a fazer o bem e abster-se do mal, conforme dispõe o *Alcorão* (S. 25, V. 52): “Então, não obedea aos renegadores da Fé, Maomé, e ele⁵, luta contra eles (*Djahid Houm*), vigorosamente”).

⁵ Ele: O Alcorão.

ECO-REBEL

Assim, o *jihad* é um esforço exercido para combater as más tendências, sendo necessário respeitar as prescrições do *Alcorão* para promover, por um lado, sua unidade pessoal, e criar, por outro lado, dentro da sociedade, uma ordem social onde há justiça e liberdade individual e coletiva – tarefa realizada mediante esforço contínuo para melhorar seu conhecimento e aumentar o nível cultural e moral da comunidade muçulmana.

Não se trata, para o muçulmano, de obrigar seus semelhantes a cumprir com a verdade. Seu dever é refutar a opinião dos oponentes com base em provas, demonstrar por argumentos o que é verdadeiro e convencer persuasivamente aqueles que ainda duvidam. Assim, Allah se manifesta no *Alcorão* (S. 16, V. 125): “Convoca ao caminho de teu Senhor, com a sabedoria e a bela exortação, e discute com eles, da melhor maneira”.

Por vezes chamado de sexto pilar⁶ do Islamismo, o *jihad* é dever e responsabilidade de todo muçulmano para convocar as pessoas a abraçar a fé religiosa – o que deve ser feito com sabedoria por meio de ensinamentos.

Em seu sentido denotativo, o termo “*jihad*” é sinônimo de combate, equivalente à guerra santa, mas em que “um santo nunca pisou em um campo de batalha”. Pelo contrário, é a luta do homem contra o profano em direção ao sagrado. No Islamismo, o combate é um dever; é uma luta eterna entre o certo e o errado, entre o bem e o mal – uma dicotomia que se opõe em cada ser humano perpetuamente. Assim, Allah ressalta no *Alcorão* (S. 2, V. 190): “E combatei, no caminho de Allah⁷, os que vos combatem, e não cometais agressão. Por certo, Allah não ama os agressores”.

De fato, não se tem religião ou espiritualidade alguma que incentive a violência. O fio condutor da razão e da fé é o respeito pela vida, isto é, sem qualquer tipo de sofrimento. A violência não têm nenhum tipo de justificação. A paz é um princípio fundador do Islã, ou seja, os termos “paz” e “Islã” estão etimológica e conceitualmente relacionados.

⁶ Os cinco pilares do Islamismo são: 1) A profissão da fé; 2) O jejum; 3) O *zakat* (tipo de dízimo); 4) As cinco orações; e, 5) A peregrinação à Meca.

⁷ A expressão “combater no caminho de Allah” quer dizer lutar pela religião de Deus, a fim de salvar o descrente do jugo da descrença. Do presente versículo até o 195 trata-se da permissão do combate, segundo o Islã, não somente para defendê-lo, mas para extinguir a idolatria.

ECO-REBEL

E Allah convoca a Morada da paz⁸ e guia, a quem quer, à senda reta (*ALCORÃO*, S. 10, V. 25).

Ó vós que credes! Entrai na Paz⁹, todos vós, e não sigais os passos de Satã. Por certo, ele vos é inimigo declarado (*ALCORÃO*, S. 2, V. 208).

O princípio do Islamismo é a paz. Logo, todos os muçulmanos devem praticar diariamente a religião no sentido de alcançar a paz. E ainda, a violência, seja por agressão convencional ou meios suicidas, não é permitida pelo Islã. A resposta de Abel a Caim ilustra bem a questão: “- Em verdade, se me estendes a mão, para matar-me, não te estarei estendendo a mão, para matar-te. Por certo, eu temo a Allah, o Senhor dos mundos” (*ALCORÃO*, S. 5, V. 28).

O princípio de paz do termo “*jihad*” pode ser notado nos cumprimentos dos muçulmanos: “*Assalamu Alaicum*” (Que a paz seja sobre vós); “*Alaicum assalamu wa Rahmatu Allahi wa Baracatu*” (Que sobre vós seja a paz e a misericórdia de Deus e Sua benção). Assim, é preciso lutar pela paz, mesmo contra aqueles que querem fazer uso da violência para resolver seus problemas. Lutar pela paz pode ser traduzido como um gesto de valorização da vida humana, isto é, preservar vidas na face da terra.

Diante do exposto, vale questionar: se o Islamismo é sinônimo de paz, submissão, qual sua relação com a violência? Tal vínculo, muitas vezes estabelecido, surge de uma interpretação equivocada do *Alcorão* e, em particular, da noção de *jihad*, traduzida como guerra santa?

3.2. Princípios de guerra de *jihad*

O *jihad* pela espada, *jihad* armado ou “pequeno *jihad*” é o mais conhecido dos significados do termo em questão. Ele foi definido com dois objetivos. O primeiro é uma resposta à agressão ou opressão, como indicado no *Alcorão* (S. 10, V. 39): “Para aqueles contra quem a guerra está envolvida, eles têm a permissão (para lutar), por causa de danos/erros; e, na verdade, Allah é o mais poderoso para ajudar”. Já o segundo consiste em libertar os povos perseguidos por regimes tirânicos, como se deu com os povos persas e bizantinos. Assim, segundo o *Alcorão* (S. 22, V. 39): “É permitido¹⁰ o combate aos que são combatidos, porque sofreram injustiça. – E, por certo, Allah,

⁸ Morada da paz: o Paraíso.

⁹ Ou seja, “...entrai no Islã, a religião da Paz”.

¹⁰ Tem-se aí o primeiro versículo corânico, que concede permissão aos muçulmanos de revidarem o combate dos renegadores da Fé, pois, em mais de 70 versículos, revelados anteriormente, isso lhes fora

ECO-REBEL

sobre seu socorro, é Onipotente” – versículo revelado que especifica que o *jihad*, como forma bélica, somente pode ser uma resposta à agressão; ou seja, o Islã encoraja o povo oprimido a lutar por sua liberdade e ordena aos muçulmanos que ajudem aqueles que são oprimidos e sofrem.

Como guerra santa, o *jihad* é considerado pelos muçulmanos como uma obrigação individual e coletiva. É uma obrigação da comunidade quando a nação do Islã é ameaçada em sua existência ou em sua religião. Ele se assemelha à guerra e é o instrumento utilizado abusivamente por “terroristas islâmicos”. No decorrer da história serviu como argumento para diferentes grupos muçulmanos para justificar suas guerras contra outros muçulmanos ou contra não muçulmanos ou contra os incrédulos.

E quando os meses sagrados passarem, matai os idólatras, onde quer que os encontréis, e apanhai-os e sediai-os, e ficai a sua espreita, onde quer que estejam. Então, se se voltam arrependidos e cumprem a oração e concedem *az-zakah*, deixai-lhes livre o caminho. Por certo, Allah é Perdoador, Misericordioso (*ALCORÃO*, S. 9, V. 5).

Tem-se aí o “versículo da espada”, ao qual gostam de se referir os adeptos do jihadismo, mas também aqueles que, no Ocidente, querem espalhar a ideia de que muçulmano e terrorista poderiam ser sinônimos.

Conforme o exposto, os ensinamentos do *Alcorão* apontaram que aqueles que morrem no *jihad*, ou seja, lutando pela causa de Allah para cumprir os propósitos divinos ou para promover o caminho de Allah, serão recompensados com acesso imediato ao Paraíso. Várias passagens daquele livro sagrado afirmam que os guerreiros mortos no campo de batalha realmente não morrem, mas trocam apenas sua vida terrena pela derradeira vida, como consta nos versículos que se seguem:

E não suponhas que os que foram mortos no caminho de Allah estejam mortos; ao contrário, estão vivos, junto de seu Senhor, e por Ele sustentados (*ALCORÃO*, S. 3, V. 169).

Que combatem, portanto, no caminho de Allah, aqueles que trocam a vida terrena pela vida futura. E quem luta no caminho de Allah, morto ou vitorioso, dar-lhe-emos uma grande recompensa (*ALCORÃO*, S. 3, V. 170).

vedado.

ECO-REBEL

Em verdade, aquele que sacrifica sua vida no *jihad* nem sequer é considerado morto, como aponta o *Alcorão* (S. 2, V, 154) no seguinte versículo: “E não digais dos que são mortos no caminho de Allah: “Eles estão mortos”. Ao contrário, estão vivos, mas vós não percebeis”. Assim, deduz-se que aquele livro sagrado promete o Paraíso como recompensa para aqueles que morrem nos caminhos de Allah.

Também é válido destacar que a má interpretação, deformação ou incompreensão de um versículo do Alcorão tem por base três regras, a saber: 1) Não levar em conta as circunstâncias da revelação do versículo ou generalizar o que poderia ser aplicado a um caso especial; 2) Isolar o versículo do seu contexto literal; e, 3) Extrapolar o significado das palavras-chave.

No que diz respeito à “interpretação” do “versículo da espada” (*ALCORÃO*, S. 9, V. 5), os três processos supramencionados são realmente empregados. Nesse sentido, os defensores do *jihad* como forma bélica se esqueçam de ler o versículo 6: “E, se um dos idólatras te pede defesa, defende-o, até que ouça as palavras de Allah; em seguida, faze-o chegar a seu lugar seguro¹¹. Isso, porque são um povo que não sabe” (*ALCORÃO*, S. 9, V. 6).

O *jihad* armado é uma interpretação de pregadores “jihadistas” extremamente minoritária e injustificada, segundo a definição dada no *Alcorão*. Assim, o *jihad* – uma obrigação para todos os muçulmanos – deve ser separado do contexto que alguns pregadores do ódio o têm interpretado para justificar o “*jihad* de espada” (*Jihad al-Sayf*).

4. Análise do Discurso Ecológico do jihadismo

O Islamismo, religião de paz, por vezes, é associado à violência devido aos ataques atribuídos e/ou assumidos pelo grupo Estado Islâmico – EI – organização criminosa que faz uso daquela religião para promover o terror em todo o mundo.

A propósito de atos terroristas ocorridos em vários cantos do planeta, a seguir tem-se uma abordagem das consequências desses ataques às vítimas que passam ou passaram por diferentes tipos de sofrimentos (social, físico e mental).

¹¹ Ou seja, chegar a seu lar, a sua comunidade.

4.1. Sofrimento social

Nos últimos anos, os ataques atribuídos ao EI e/ou a outros grupos similares ensanguentam o mundo, sobretudo, na Líbia, na Síria e em grande parte do continente africano.

A fim de evitar o sofrimento máximo: a morte (COUTO; COUTO, 2015), devido à violência perpetrada por grupos terroristas, muitas pessoas são forçadas a deixar seus países ou regiões de origem (Líbia, Síria, Mali e Nigéria, por exemplo), onde reina a ordem de grupos jihadistas, para tentar encontrar a paz em outros lugares. Mas até chegar lá, eles estão expostos a sofrimentos físico (andar muito ou arriscar suas vidas em embarcações de fortuna) e social (situações desumanas que enfrentam ao se aglomerarem em acampamentos improvisados, vivendo de ajuda de voluntários).

No caso dos indivíduos acampados, estes dependem da ajuda de Organizações Não Governamentais – ONGs humanitárias. Mas com as medidas de distanciamento provocadas pela pandemia da COVID-19, a ajuda tarda a chegar ou simplesmente não chega, resultando em fome, desnutrição e doenças diversas. E além da situação precária, aqueles sujeitos convivem com a dor de parentes que deixaram para trás – mortos ou por não lograrem fugir das atrocidades dos jihadistas.

Para ilustrar o sofrimento social tem-se o exemplo de 229 alunas sequestradas em uma escola nigeriana pelo movimento de insurgência jihadista – frequentemente referido como uma seita – denominado Boko Haram (“o grupo de pessoas engajadas na propagação dos ensinamentos do Profeta e da *jihad*” – nome verdadeiro – ou “a educação ocidental é proibida”).

No caso em tela, o sofrimento social dessas meninas se caracteriza pelo fato de serem mulheres (gênero). Para os jihadistas, a mulher não deve frequentar a escola. Tem-se aí uma discriminação de gênero, uma vez que o Islã preconiza que o homem é sempre superior à mulher.

Os homens têm autoridade sobre as mulheres, pelo que Allah preferiu alguns a outros¹², e pelo que dispõem de suas riquezas. Então, as íntegras são devotas, custódias da honra, na ausência dos maridos, pelo que Allah as custodiou. E àquelas de quem temeis a desobediência, exortai-as, pois, e abandonai-as no leito, e batei-lhes. Então, se elas vos obedecem, não busqueis meio de importuná-las. Por certo, Allah é Altíssimo, Grande (ALCORÃO, S. 4, V. 34).

¹² Entende-se a primazia do homem na sociedade pela força física e pelos encargos de que é investido do que pelo grau de honra.

ECO-REBEL

Além disso, ainda no caso em tela, têm-se ali mulheres católicas – o que remete ao fato de que as populações mais visadas são jovens, meninas, estudantes e cristãs, a quem o grupo ameaçaria com chicotadas, violência física ou morte até que se convertam ao Islamismo, parem de ir na escola e usem véu, por exemplo.

Para os jihadistas, o Islamismo é a melhor religião. Logo, todos devem se converter à religião muçulmana. Por isso, eles têm invadido vilarejos na África para obrigar os moradores católicos a se converterem; do contrário serão mortos.

Esses jihadistas, com uma indiferença quase geral, fazem uso da violência em nome do Islã para atingir os cristãos com força total, obrigando-os a se converter àquela religião e a abandonar a sua fé, sem falar na destruição e profanação dos símbolos religiosos cristãos.

Diante do exposto, é preciso destacar que o *jihad* é um meio de defender as diferenças, o pluralismo e a diversidade. Em outras palavras, é uma forma de defender a liberdade de escolha, conforme preconiza o *Alcorão* (S. 2, V. 256): “Não há compulsão na religião! Com efeito, distingue-se a retidão da depravação. Então, quem renega *At-Taghut*¹³ e crê em Allah, com efeito, ater-se-á à firme alça irrompível. E Allah é Oniouvinte, Onisciente”.

4.2. Sofrimento mental

É sabido que muitos indivíduos se confinaram para fugir e se proteger de ataques terroristas. Com a pandemia da COVID-19, a situação tendeu a alguma piora pela exposição ao sofrimento mental, ou seja, pelo medo de um eventual ataque de jihadistas e pelo trauma da falta de apoio de agentes humanitários que tiveram que respeitar as medidas de distanciamento em suas casas ou hotéis.

Amontoados em pequenos abrigos, cobertos com palha ou plástico, alguns grupos são constantemente ameaçados por grupos armados vizinhos, doenças (desnutrição, cólera, diarreia, malária etc.). A isto, soma-se um novo flagelo global: o Coronavírus. Como a “ADE põe a ênfase em duas coisas fundamentais: 1) defesa da vida e 2) essa defesa inclui luta contra o sofrimento” (SILVA, 2020, p. 92), essas pessoas estão lutando contra esses inimigos invisíveis, sabendo que podem ser vítimas a qualquer hora.

¹³ *At-Taghut*: aqui designa tanto Satanás quanto ao ídolo, ou qualquer outra coisa maléfica.

ECO-REBEL

No que se refere aos indivíduos sequestrados por grupos jihadistas, eles sofrem física (tortura) e mentalmente, convivendo com a morte, sabendo que cedo ou tarde, os sofrimentos físicos e mentais podem se transformar no sofrimento máximo: a morte. Como exemplo de sequestro, tem-se o caso da francesa Sophie Pétronin, que foi libertada no dia 08 de outubro de 2020, depois de ter ficado quatro anos nas mãos de grupos jihadistas no Mali. Quando questionada sobre sua saúde por um jornalista, ela respondeu que estava bem, acrescentando que não foi vítima de violência; mas para amenizar seu sofrimento mental, ela teve que transformar sua detenção em retiro espiritual.

De fato, os atos terroristas maltratam não apenas os indivíduos, mas também familiares, colegas, vizinhos e, em última instância, a sociedade. O impacto, portanto, vai muito além das vítimas diretas individuais. As vítimas exibem uma resposta de *stress* e medo quando expostas à violência e imprevisibilidade do evento – o que pode resultar em distúrbios do sono, manifestações de ansiedade ou agressão. Nesse sentido, a utilização de transportes públicos ou a ida a determinados estabelecimentos comerciais são postas em causa, com frequentes reações de evitamento e fobias da comunidade.

A escalada de ataques terroristas criou e ainda cria um clima de desconfiança, pois qualquer pessoa pode ser suspeita ou ser alvo, resultando na desintegração do tecido social, acarretando o individualismo e/ou medo, por exemplo. No individualismo, todos vivem mais retraídos, uns com medo dos outros – o que pode levar ao xenofobismo. Nesse sentido, as pessoas podem ter medo da religião muçulmana, isto é, dos muçulmanos, pela confusão comum entre muçulmanos e extremistas islamistas.

4.3. Sofrimento físico

No tocante ao sofrimento físico, como exemplo, têm-se os atentados ao periódico *Charlie Hebdo*, ocorridos em 2015, deixando, além de mortos, sobreviventes que convivem até hoje com as sequelas (medo, trauma, insônia, *stress* etc.). Ali, os jihadistas se serviram de um armamento de guerra pesado para matar qualquer pessoa – estratégia comparada a de uma guerra regular. Mas, na abertura do processo que julga os jihadistas sobreviventes, os jihadistas mudaram de estratégias: ao invés de carregar armas para sair atirando, optaram por uma guerra híbrida, que consistiu no uso de faca para atacar as pessoas.

ECO-REBEL

Nas comemorações que marcam os cinco anos dos ataques terroristas ao *Charlie Hebdo*, o jornal republicou as caricaturas do profeta Maomé. Como resposta ou não a tais provocações, um ataque a facadas se deu em 25 de setembro, em Paris, no 11º distrito, perto de suas antigas instalações, deixando pelo menos dois feridos, incluindo um gravemente. Mesmo que esse agressor alegue se vingar das caricaturas do profeta que marcam essa comemoração – o que é uma difamação, portanto, sofrimento social e mental por parte dos muçulmanos do mundo inteiro –, tal ação não justifica agredir pessoas inocentes ou não a facadas (sofrimento físico).

A republicação das caricaturas do profeta Maomé desencadeou uma onda de ataques terroristas na França. Assim, em 16 de outubro de 2020, um professor de História e Geografia que apresentou as caricaturas do profeta em suas aulas foi decapitado. Na homenagem póstuma ao professor ocorrida no pátio da Universidade de Sorbonne, o presidente francês Emmanuel Macron, em seu discurso, afirmou que a França não vai baixar a guarda para o terrorismo, a liberdade de imprensa será respeitada e as caricaturas continuarão a ser publicadas – discurso que desencadeou revolta em muitos países muçulmanos, com o boicote de produtos franceses.

Em 29 de outubro de 2020, a França foi mais uma vez vítima de ataques terroristas. Em uma igreja na cidade de Nice ocorreu um ato terrorista que deixou uma mulher de 70 anos decapitada, duas pessoas mortas a bala, além de feridos em estado grave. No mesmo dia, ocorreu um atentado a facada nas imediações do Consulado da França em Jedá, Arábia Saudita. Embora sejam isolados, comparado a um lobo solitário, os perpetradores de atos terroristas como esses, sempre juram fidelidade à Al Qaeda ou ao EI – os principais grupos terroristas na atualidade.

A cada ataque terrorista, o tamanho do sofrimento pode ser físico – lesões físicas, em particular –, estético (amputação, lesões faciais ou nas mãos), a perda de alguém próximo (família, amigo, colega) em ataques jihadistas, além de vítimas fatais de atentados e/ou sequestros seguidos de morte, morte por degolamento, amputações etc. Esses ataques terroristas criam uma “polarização” (SILVA, 2020, p. 91), opondo “Estado *versus* jihadistas”, para aqueles que entendem que os jihadistas são como um lobo solitário, agindo por conta própria, sem relação com o islã. Mas, os últimos ataques desencadeados pela republicação das caricaturas do Profeta Maomé mostram que se trata de uma polarização geral “muçulmanos *versus* mundo”.

Dos três tipos de sofrimentos supramencionados, infelizmente, o mais frequente é o físico, até porque o terrorismo sempre age para matar. Nesse sentido, os jihadistas, no sentido bélico do termo “*jihad*”, estão prontos para atacar (dar bote) a qualquer momento quando a ocasião se

ECO-REBEL

apresentar. Eles não têm nada a perder, por serem movidos pela suposta ideia de que quem morre no caminho de Allah não está morto ou terá o Paraíso garantido. Mas, é importante ressaltar que eles não têm nada a ver com o Islamismo, ou seja, com a religião de paz.

Diante de tantos sofrimentos, é possível questionar: por que o homem é um lobo para o próprio homem? Como os terroristas agem fazendo sempre referência ao *Alcorão*, será que algumas das palavras ali existentes, apesar de tudo, contradizem os atos terroristas islamistas? Claro que há passagens daquele livro sagrado que clamam pela paz entre os muçulmanos, como, por exemplo: “Perguntam-te, Muhammad, pelos espólios. Dize: “Os espólios são de Allah e do Mensageiro¹⁴. Então, temeí a Allah e reconciliai-vos. E obedeci a Allah e a Seu Mensageiro, se sois crentes” (*ALCORÃO*, S. 8, V. 1); ou com seus inimigos, desde que garantam a paz: “E, se eles se inclinam à paz, inclina-te, também, a ela, e confia em Allah. Por certo, Ele é O Oniouvinte, O Onisciente; [...]” (*ALCORÃO*, S. 8, V. 61); em particular ou – pelo menos de acordo com alguns intérpretes – na liberdade de religião: “Não há compulsão na religião! Com efeito, distingue-se a retidão da depravação. Então, quem renega At-Taghut¹⁵ e crê em Allah, com efeito, ater-se-á à firme alça irrompível. E Allah é Oniouvinte, Onisciente” (*ALCORÃO*, S. 2, V. 256).

Mas nenhum texto proíbe guerra, combate ou vingança em geral. Logo, a questão não é tanto se existem passagens com vocação pacífica, mas sim, como entender as passagens que incentivam o combate, a vingança e a guerra. O problema aqui reside no fato de que a teologia islâmica não desenvolveu até então uma hermenêutica que possa justificar que versos do *Alcorão*, como os que se seguem, sob certas condições, não são mais válidos para a atualidade:

Dize: “Se vossos pais e vossos filhos e vossos irmãos e vossas mulheres e vossos clãs, e riquezas, que ganhastes, e comércio, de que receais a estagnação, e vivendas, de que vos agradais, são-vos mais amados que Allah e Seu Mensageiro e a luta em Seu caminho, então, aguardai até que Allah faça chegar Sua ordem. E Allah não guia o povo perverso (*ALCORÃO*, S. 9, V. 24).

Na verdade, são numerosos os versículos onde Allah denuncia e condena veementemente esse tipo de crime hediondo e ameaça com punições sem precedentes aqueles que o praticam.

Segundo o *Alcorão*, a guerra constitui uma “obrigação indesejada”, que deve ser

¹⁴ Somente Deus indica quem possuirá os espólios, impedindo ao Mensageiro em dividi-los, conforme a vontade divina.

¹⁵ *At-Taghut*: aqui, designa tanto Satanás quanto ao ídolo, ou qualquer outra coisa maléfica.

ECO-REBEL

absolutamente travada em respeito aos valores morais humanos, devendo ser utilizada como último recurso. Nesse sentido, vale destacar que a palavra “Islã” vem da mesma raiz árabe da palavra “paz”, ao passo que aquele livro sagrado condena a guerra como um evento anormal contrário à vontade de Deus: “Cada vez que acendem um fogo para a guerra, Allah, apaga-o¹⁶. E eles esforçam-se em semear a corrupção na terra. E Allah não ama os corruptores” (*ALCORÃO*, S. 5, V. 64).

Diante do exposto, os versículos de Deus são muito claros. O Islamismo não justifica, em nenhum caso, a matança de civis, independentemente das circunstâncias. Mas, nos últimos anos, ou melhor, nos últimos meses ou dias, muitas violências perpetradas por muçulmanos que acreditam que é a única forma de divulgar a religião muçulmana e proteger países invadidos pelo ocidente, matando em nome de Allah e se autodenominando “jihadistas”, têm sido empreendidas.

O objetivo do Islã é estabelecer felicidade, paz e amor para todos os seres vivos. A própria fé é cheia de bondade, piedade e amor. As relações entre as pessoas são prescritas apenas com base no respeito. Aquela religião condena todas as manifestações de violência e crueldade.

O *Alcorão* possui passagens que são diferentemente interpretadas pelos islamistas e pelo resto do mundo muçulmano? Sem dúvida, existem diferentes passagens naquele livro sagrado onde Allah convoca Maomé para lutar e travar uma guerra contra os pagãos. A partir de 622 d.C., ele liderou várias guerras ofensivas e defensivas em Medina. Até mesmo o *Alcorão* promete àqueles que morrem lutando “no caminho” de Deus ir para o céu.

Então, quando deparardes, **em combate**, os que renegam a Fé, golpeai-lhes os pescoços, até quando os dizimardes, então, acorrentai-os firmemente¹⁷. Depois, ou fazer-lhes mercê¹⁸, ou aceitar-lhes resgate, até que a guerra deponha¹⁹ seus fardos. Essa é a **determinação**, li, se Allah quisesse, defender-Se-ia²⁰ deles, mas **Ele vos ordenou a guerra**, para pôr-vos à prova, uns com outros. E aos que são mortos, no caminho de Allah, Ele não lhes fará sumir as **boas** obras (*ALCORÃO*, S. 47, V. 4) (grifo meu).

¹⁶ Fazer guerra contra Muhammad é inócuo, pois Deus a faz malograr.

¹⁷ Os: os que escaparam à morte.

¹⁸ Ou seja, outorgar-lhes a liberdade, sem resgate.

¹⁹ Ou seja, até que as armas sejam depostas, ou até que reine a paz.

²⁰ Se Deus quisesse, triunfaria sobre eles, sem a necessidade do combate, enviando-lhes um castigo fulminante.

Com base nessa citação, a obrigação fundamental da comunidade islâmica de se envolver no *jihad* é enfatizada. A questão é como abordar essas narrativas na atualidade. Logo, tem-se em jogo a interpretação e o uso atual dos textos do *Alcorão*.

5.Considerações finais

Ao trabalhar para propagar a desumanização do outro e o martírio religioso em escala planetária, os crimes monstruosos que estão sendo perpetrados por jihadistas evidenciam quantas vezes os homens podem ser escravos das paixões assassinas encorajadas por certas ideologias. O que intriga os cidadãos de fé muçulmana, no entanto, é ver o Islamismo servir como justificativa para assassinatos em massa e o papel que os grupos extremistas desempenham nas referências muçulmanas em sua construção do inimigo e na sua concepção binária e totalitária do mundo.

Os atos terroristas afetam não apenas os indivíduos, mas também suas famílias, seus colegas, seus vizinhos e, em última instância, a sociedade. O impacto, portanto, vai muito além das vítimas diretas individuais. Entre as consequências nefastas e perniciosas dessa ideologia destrutiva e errônea tem-se a desestabilização da paz e da segurança, a ausência de tranquilidade e serenidade e a disseminação do terror, culminando nos sofrimentos social, mental e físico das vítimas.

É difícil listar as desastrosas consequências geradas por este vulcão que cospe e impulsiona sua lava e suas chamas ardentes na direção de sociedades impotentes que vivem em paz e segurança. Em verdade, tem-se aí um fenômeno de turbilhão sinistro e enlouquecedor, que transforma a atmosfera de tranquilidade e serenidade em um pesadelo que causa horror, pavor, pânico e ansiedade. Ele deixa para trás apenas a desolação, a destruição, os infortúnios e os gritos incômodos de mães enlutadas, viúvas tristes, órfãos e feridos abandonados, pobres esquecidos e deficientes físicos.

Diante desse clima de terror, a disseminação da informação pela cobertura midiática sobre o terrorismo pode levar os não muçulmanos a confundir a ideia de que todos os muçulmanos são islamistas, isto é, terroristas. Mas, é importante ressaltar que os islamistas são apenas uma pequena minoria entre os muçulmanos.

O Islamismo não é, portanto, uma religião intrinsecamente violenta, mas uma religião preferencialmente pacífica, humanista e universalista. Embora o Islã, às vezes, tenha se espalhado

ECO-REBEL

violentamente ao longo da história, essa violência não é específica dele, mas semelhante à vivida pelo Cristianismo, por exemplo, durante as Cruzadas medievais.

Se a palavra “Islã” é sinônima de paz e amor, os jihadistas estão derramando sangue de inocentes ou não em todos os quatro cantos do mundo. O terrorismo é uma forma cega e atroz de violência que não cessa de derramar sangue inocente em várias partes do mundo. Assim, o Islamismo exorta os fiéis a opor “as armas do amor” contra o “terrorismo”. Ele condena a “violência sem precedentes” de militantes islamistas que “profanam o nome de Deus”, na tentativa de justificar suas ações pela religião. Assim, se Deus é amor, então, exortar as pessoas para a paz é uma forma de *jihad*, independentemente da religião, isto é, praticar o bem em detrimento do mal.

Referências

NOBRE ALCORÃO. Traduzido por Dr. Helmi NASR. Professor de Estudos Árabes e Islâmicos na Universidade de São Paulo, Brasil, s/d.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015, p. 47-81. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

_____. Análise do discurso ecossistêmica – ADE: conceituação e pequeno histórico. *Boletim do GEPLA - Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecossistêmica*, n. 4, 2020. Disponível em:

http://www.ecoling.unb.br/images/Nmero-4_2020.pdf

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológico – (ADE)*. Coleção: Linguagem e sociedade Vol. 9 Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa 3.0, 2009*.

LAOUAN, Fatouma Zara. *Analyse rapide du genre - COVID-19 Afrique de l'Ouest* - avril 2020.

Disponível em <https://reliefweb.int/report/benin/analyse-rapide-du-genre-covid-19-afrique-de-louest-avril-2020> e acessado em 19/09/2020.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise do Discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2007.

SILVA, Márcio M. G. Silva. Coronavírus, ideologias e análise do discurso ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, 2020. Disponível em:

ECO-REBEL

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800> .

Aceito em 02 de janeiro de 2021.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 1, 2021.